



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Matemática e suas interfaces com o ensino

Sinop, v. 13, n. 2 (33. ed.), p. 216-226, jun./jul. 2022

ISSN 2236-3165

<https://periodicos.unemat.br/index.php/rep/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

O ENSINO BILÍNGUE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE SURDOS¹

BILINGUAL TEACHING IN THE DEAF LITERACY PROCESS

Andressa Lays Alves Lopes dos Santos

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar uma compreensão sobre o ensino bilíngue no processo de alfabetização de surdos. Os autores que embasaram esta pesquisa foram Mirlene Ferreira Macedo Damázio, Cristina Broglia Feitosa de Lacerda, Jean Alexandre Wathier e Ana Paula de Freitas. A abordagem de pesquisa foi qualitativa, por meio de entrevistas semiestruturadas com professores que trabalham na sala de atendimento educacional especializado – AEE da rede pública de ensino na cidade de Sinop, Mato Grosso, realizadas no segundo semestre de 2021. Os resultados da pesquisa evidenciaram que a maioria dos professores não conhecem Libras, e que as suas estratégias de ensino muitas vezes não são realizadas pensando nos alunos surdos, o que faz com que a participação dos mesmos em sala de aula seja proporcionada apenas pelo intérprete de Libras.

Palavras-chave: Alfabetização. Bilíngue. Surdos. Professores.

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O ENSINO BILÍNGUE NA ALFABETIZAÇÃO DE SURDOS NO CONTEXTO DA SALA DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO - AEE**, sob a orientação do Dr. Marion Machado Cunha e coorientação da Daniely Gimenes Volpini Rialto, Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2022/1.

ABSTRACT²

This article aims to present an understanding of bilingual teaching in the deaf literacy process. The authors who supported this research were Mirlene Ferreira Macedo Damázio, Cristina Broglia Feitosa de Lacerda, Jean Alexandro Wathier and Ana Paula de Freitas. The research approach was qualitative, through semi-structured interviews with teachers who work in the specialized educational service room - AEE of the public school system in the city of Sinop, Mato Grosso, conducted in the second half of 2021. The results of the research showed that most teachers do not know Libras, and that their teaching strategies are often not carried out thinking of deaf students, which makes their participation in the classroom is provided only by the Libras interpreter.

Keywords: Literacy. Bilingual. Deaf. Teachers.

Correspondência:

Andressa Lays Alves Lopes dos Santos. Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN). Sinop, Mato Grosso Brasil.

E-mail: andressa.lays@unemat.br

Recebido em: 8 de junho de 2022

Aprovado em: 21 de junho de 2022

Link/DOI: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/6322/4636>

1 INTRODUÇÃO

É fato que nos últimos anos as políticas públicas vêm tomando medidas que buscam melhorias na qualidade de ensino das pessoas com deficiência. Em 1994, foi publicada a Política Nacional de Educação Especial, a qual orienta o processo de integração desses alunos em classes de ensino regular.

Em 2008, o Ministério da Educação (MEC) publicou o documento que ficou

² Resumo traduzido pela professora Priscila Ferreira de Alécio, Graduada em Letras (Língua Portuguesa e Língua Inglesa) pela UNEMAT/Sinop, Mestra em Letras pela UNEMAT e Doutoranda em Estudos da Linguagem, pelo PPGEL/UFMT - Campus de Cuiabá.
E-mail: priscila.f.a.letas@gmail.com.

conhecido como “Política Nacional de Educação Especial”, no qual sua perspectiva se volta para uma concepção de “Educação Inclusiva” (BRASIL, 2008). Esse documento deu início à orientação da organização do funcionamento da Educação Especial na educação inclusiva para a diversidade e compreensão.

A Educação Especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os recursos e serviços e orienta quanto a sua utilização no processo de ensino e de aprendizagem nas turmas comuns do ensino regular (BRASIL, 2008, p. 16).

E, mais recentemente, em 2014 o Plano Nacional de Educação – PNE destacou que o grande avanço da educação deveria ser a diversidade humana.

Este artigo é fruto do resultado de pesquisa que teve como objetivo geral compreender como acontece o processo de escolarização do aluno surdo na rede pública municipal de Sinop, no contexto da sala de Atendimento Educacional Especializado – AEE, na perspectiva bilíngue.

A abordagem metodológica de investigação foi de cunho qualitativo, mediante uma pesquisa de campo. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas e questionários com um professor da rede pública de Sinop e dois professores do Centro Municipal de Educação Especial Inclusiva de Sinop – CMEEIS, em Mato Grosso, no segundo semestre de 2021. Em decorrência do momento pandêmico que estamos vivendo, algumas das entrevistas foram realizadas de forma remota, onde os questionários e respostas dos entrevistados, foram enviados através do aplicativo *WhatsApp* e também foi realizado entrevistas pessoalmente.

2 COMO OCORRE O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE)

De acordo com Damásio (2007), a inclusão do aluno com surdez deve ser feita de modo que este tenha uma vivência direta com os alunos que não são surdos. Para isso, sugere aulas bilíngues (Português e Libras), com horas adicionais dedicadas ao estudo de Libras e Português.

Segundo Damázio (2007), a AEE envolve três momentos didáticos-pedagógicos: Atendimento Educacional Especializado em Libras, Atendimento Educacional Especializado de Libras e Atendimento Educacional Especializado de Língua Portuguesa.

O primeiro momento é focado no ensino dos conteúdos curriculares comuns das disciplinas obrigatórias, em que os assuntos são ensinados em português e libras, com a utilização da maior quantidade possível de recursos didáticos (maquete, gravuras etc.).

No segundo momento, ocorre o ensino específico de Libras, que deve ser feito por um professor especializado em Libras, de preferência surdo. Esse momento ocorre no contra turno das aulas e deve ser utilizado para o aprofundamento das técnicas em Libras a partir dos conhecimentos já apresentados pelos alunos. Esse momento também deve ser usado para o desenvolvimento de sinal para os termos científicos que ainda não os têm, e o registro dos mesmos para utilização posterior. Para a criação dos sinais, deve ser considerado todo o contexto do conteúdo, sua aplicação na prática e a relação com a estrutura linguística e a analogia com os conceitos já existentes. Após criados os novos sinais, esses devem ser registrados em cadernos de figuras e deixados em exposição, criando assim um ambiente mais visual e de maior contato, ajudando o estudante a se familiarizar mais rapidamente com o termo.

Por último, no terceiro momento há o ensino específico da língua portuguesa, que ocorre em outra sala especializada e com horário diferente ao da sala comum. Esse atendimento deve ser feito preferencialmente por um professor de língua portuguesa, que possua domínio de libras e que esteja pré-disposto a fazer as mudanças do ensino de português para Libras.

2.1 Alfabetização dos surdos segundo a concepção de professores especialistas no atendimento educacional especializado

Conforme Damázio (2007), a inclusão em uma diferente didática para alunos com surdez pode utilizar a forma ilustrativa e até mesmo teatral para que eles possam interagir e aprender. Isso é muito importante para que o processo de inclusão aconteça.

Segundo Wathier e Freitas (2016), a Libras começou a ser utilizada no Brasil na década de 90 e, de lá para cá, passou a ser reconhecida como uma das línguas oficiais do Brasil. O uso da língua de sinais pode ser considerado natural no convívio entre as pessoas. Para se comunicar por meio dessa língua, existe uma estratégia que ensina os sinais a partir de combinações, movimentos, entre outros, que são produzidos no momento da comunicação.

O método para se alfabetizar em Libras é a memorização. A memorização ocorre porque a professora capacitada mostra a figura e mostra o sinal. Dessa forma, o aluno irá aprendendo através da memorização de todos os sinais.

Conforme Wathier e Freitas (2016), o Bilinguismo por sua vez é uma forma de comunicação a qual são utilizadas as duas línguas no ambiente escolar, sendo assim, a Libras e a Língua Portuguesa na forma escrita.

Lacerda (1998), ao defender a metodologia Bilíngue destaca que os surdos adquirem conhecimentos por meio do canal visual e a mistura entre línguas, utilizada na comunicação Total, dificultava a aquisição de conhecimentos pelos surdos, pois cada língua tem características próprias e independentes, tornando-se assim bem complexo falar ambas as línguas ao mesmo tempo neste ambiente educacional citado acima.

Segundo os autores acima, essa metodologia Bilíngue é empregada atualmente com surdos em algumas escolas brasileiras.

3 METODOLOGIA E RESULTADOS DA PESQUISA

Para a realização da pesquisa, a abordagem utilizada foi de cunho qualitativo, que, segundo Gil (2002, p.21-22), caracteriza-se pela “construção do conhecimento a partir de hipóteses e interpretações que o pesquisador constrói”. Assim, busco no campo da pesquisa e no contexto escolar compreender os significados dos fatos ocorridos acerca do tema estudado.

Para desenvolver este trabalho, foi escolhido o Centro Municipal de Educação Especial Inclusiva de Sinop – CMEEIS e um professor de escola regular, no qual a coleta de dados foi realizada através de entrevistas e questionários via *WhatsApp*.

A fim de preservar o anonimato dos participantes da pesquisa, estes foram identificados como: Professor 1, Professor 2 e Professor 3.

Perguntados sobre o que os levou se tornarem educadores na área da educação especial, a resposta de cada professor traz os motivos que levaram cada um deles a especializar-se na área de Educação Especial, em particular, na Língua de sinais da cultura Surda. Fica evidente em alguns trechos das respostas que, apesar dos desafios, a vontade de aprender e a busca pelo conhecimento na área, foram fundamentais para o sucesso de cada um.

(01) Professor 1: O que me levou a atuar nesta área foi o interesse mesmo em poder conhecer a área mais profundamente, porque assim, desde antes de eu cursar a graduação, eu já tinha um interesse voltado para a questão da Língua Brasileira de Sinais – a Libras. E, na adolescência, eu já comecei a pesquisar coisas no *YouTube*. Aí quando eu fui para o ensino superior, que eu ingressei no curso de Pedagogia, na UNEMAT - Campus de Sinop, eu vi uma oportunidade de eu estar mais próximo com a área, conhecer tanto no sentido teórico quanto é voltado à questão de ter uma abertura para poder estar fazendo cursos e tudo mais, porque em si, eu não tinha é feito cursos da área antes, e nem participado de palestras [...].

(02) Professor 2: No ano de 2016, eu fiz um curso inicial em Libras aqui em Sinop, e nesse curso eu tive contato com a professora Daniely Gimenes, que já tinha uma habilidade na questão da Libras e eu tinha especialização nessa área também, e foi aí que surgiu o convite para trabalhar na sala de recursos, para alunos surdos aqui de Sinop.

(03) Professor 3: Ser professora nessa área é muito importante para as crianças surdas não serem prejudicadas. Por exemplo, antigamente teve muitos retrocessos na área da língua de sinais para a comunidade surda, então é necessário que o professor nesse período, por exemplo, os professores não tinham fluência na língua de sinais não tinham didáticas pedagógicas. Então esse foi o motivo de eu ter essa formação, e incentivar que as crianças surdas elas se desenvolvam em sua totalidade. Por isso me formei pedagoga na língua de sinais é necessário ter uma qualidade por isso eu escolhi essa área.

Quando perguntado sobre a experiência de cada um no processo de ensino-aprendizagem de alunos surdos, vemos que cada profissional foi montando seu portfólio conforme as oportunidades iam surgindo, buscando cursos, trocando experiências com outros profissionais em sala e dedicando-se na busca do aperfeiçoamento, que é contínuo.

(04) Professor 1: Relacionada a minha experiência no processo ensino e aprendizagem dos alunos surdos, eu tive um contato bem interessante porque iniciei esse caminho lá nos cursos onde eu auxiliava. Isso já pulando uma parte de todo o processo que eu conheci que eu comecei a participar de cursos e fui buscando uma formação. Depois eu fui fazer uma especialização e tudo mais, mais voltado a essa segunda parte, né. A partir do momento que eu já estou mais auxiliando nesse contato, eu comecei a auxiliar nos cursos onde eu auxiliava como intérprete no curso, auxiliando no processo de tradução e interpretação tanto da comunicação do professor ou instrutor surdo com alunos com os cursistas e tanto dos cursistas para o professor ou instrutor surdo em um determinado curso que foram os primeiros contatos antes de ir para escola [...].

(05) Professor 2: Falar sobre a experiência no processo de ensino e aprendizagem dos surdos eu posso dizer que é um desafio que tive e que tenho, na verdade, que temos. Isso porque o português para os surdos, em minha opinião, eu acho que é a parte mais complexa de você ensinar a L2, que nós chamamos o Português na modalidade que seria para os surdos, e a complexidade é o desafio maior, diria assim. Mas ao mesmo tempo é gratificante você ver o desenvolvimento daquela criança, ela sendo alfabetizada primeiramente ali na sua língua materna L1, na língua de sinais, no caso do Brasil, a Libras. E concomitante ou após, né, a aprendizagem na L1, ele aprende aí também a questão da L2 ali no Português e na escrita né, para os surdos. Então, é um desafio constante de muita aprendizagem, de muita busca e muito estudo, e que ao final termina com um sentimento de gratidão, e é bastante gratificante também.

(06) Professor 3: Quando eu comecei a trabalhar no antigo Instituto Criança, era muito difícil porque era necessário adquirir experiências, adquirir estratégias e com

isso eu me senti desafiada, fui provocada a isso. Então eu lembro, por exemplo, essa questão da empatia. É importante ter isso no processo de ensino e aprendizagem, intermediar o conhecimento com os alunos e perceber essas características a meu respeito com os alunos.

Conforme vemos nas respostas dos professores, para a próxima pergunta percebemos a importância da sala de recursos, como os AEEs, que trazem os recursos necessários para trabalhar diferentes deficiências bem como a oportunidade de desenvolver, de forma individualizada, o ensino e aprendizagem do aluno. Como podemos ver na fala de Damázio (2005, p. 14):

A inclusão do aluno com surdez deve acontecer desde a educação infantil até a educação superior, garantindo-lhe, desde cedo, utilizar os recursos de que necessita para superar as barreiras no processo educacional e usufruir seus direitos escolares, exercendo sua cidadania, de acordo com os princípios constitucionais do nosso país.

No que diz respeito às dificuldades encontradas durante o processo de escolarização e alfabetização em duas línguas para os alunos surdos, os professores destacam:

(07) Professor 1: Algumas das dificuldades que nós encontramos nesse processo de escolarização e alfabetização em duas línguas para o surdo, é muitas vezes uma falta de conhecimento enquanto docente em si. Porque assim, o que a gente vai propor para esse aluno, como nós vamos trabalhar essa metodologia ou estratégia de ensino adequada, tem uma coisa boa que os alunos são dispostos a poder conhecer a vivenciar porque eles querem aprender. Eles percebem que precisam conhecer a Língua Portuguesa além de conhecer a Libras, seja aquele aluno que está começando a conhecer a sua própria língua, a Libras, ou que precisa ter esse contato maior com a Língua Portuguesa e desenvolver uma proficiência, uma fluência nessa língua também, que é a L2, uma língua adicional em si. E, nesse sentido, falta muitas vezes uma formação adequada para a gente.

(08) Professor 2: As dificuldades encontradas no processo de escolarização e alfabetização é exatamente isso. A criança muitas vezes não é estimulada desde cedo na língua de sinais, e daí fica complexa a questão, e também quando

encontramos famílias que não tem uma atuação maior de levar a criança para a sala de recursos, levar na escola, e isso atrasa o seu processo de ensino e aprendizagem, o seu processo cognitivo. E, daí, conseqüentemente vai atrasar a sua escolarização e o seu processo de escolarização nas duas línguas. Na alfabetização, aqui, eu aponto primeiramente que é importante que a criança seja alfabetizada na sua língua materna L1, na língua de sinais, e posteriormente na L2, que é o Português, na modalidade escrita. E quando o AEE percebe que há essa dificuldade e muitas faltas da criança no AEE, e a família não leva, e também é importante a procura por outros profissionais tais como a fono, que também ajuda bastante, então muitas vezes a responsabilidade maior é atribuída somente a escola. Mas é importante que se diga que a família tenha uma responsabilidade e não pode aí somente passar uma responsabilidade para o professor. A família precisa muitas vezes procura outros profissionais, a quem eu me refiro principalmente a fono, trazer o aluno para a sala de recursos, para que daí o professor possa fazer um trabalho que tenha significado e que possa ajudar nas dificuldades. É no processo de escolarização e alfabetização desse aluno.

(09) Professor 3: As dificuldades que vejo, por exemplo, é quando não tem nada visual para a criança surda e como que ela vai aprender visualmente, porque ela é visual. Outro ponto: se eu não mostro a imagem, os recursos visuais, mostro somente as palavras em Língua Portuguesa, ela não vai aprender. Por exemplo, é importante a língua de sinais e imagens, recursos visuais juntamente com a palavra em Língua Portuguesa. Aí ela vai visualizar e vai ter essa percepção de conhecimento, estratégias, dinâmicas, jogos e brincadeiras onde eu possa aliar esses conhecimentos para que ela tenha essas percepções visuais e possa se desenvolver.

De acordo com as entrevistas, são inúmeros os desafios que ainda temos pela frente, diante das dificuldades aqui apontadas pelos professores. Porém, vemos que esse é o caminho para que haja de fato a inclusão desses alunos, não só no ambiente da escola, mas também de sua participação na sociedade, tornando-o indivíduo ativo e protagonista de sua história.

Nesse contexto, percebemos que as interações entre os alunos de sala de recursos e os professores, são consideradas muito relevantes no processo de desenvolvimento desses alunos.

Segundo Wathier e Freitas (2016), ao repensar conceitos de letramento associados à alfabetização, podemos compreender de que forma são utilizados os instrumentos específicos que auxiliam no processo de educação dos sujeitos surdos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa analisou apresentar compreensões sobre o ensino bilíngue no processo de alfabetização de surdos. O objetivo se direcionou a entender como os professores trabalham na sala de recursos e como isso contribui no processo de ensino e aprendizagem desses alunos.

Os professores são elementos essenciais para capacitar os alunos surdos, para que eles saibam desenvolver consciência dos seus direitos e deveres. “Muitas das crianças surdas no Brasil vêm sendo ensinadas da mesma forma que as crianças ouvintes, sem ser levada em conta sua forma particular de aprender por meio de experiências visuais” (OLIVEIRA, 2011, p. 78).

De acordo com análises dos dados, conclui-se a importância desses professores para o desenvolvimento social e cognitivo, tanto do aluno surdo, quanto os demais alunos que frequentam a sala de recursos.

Portanto, as análises coletadas e tempo em que atuei como bolsista mostram que o processo de inclusão dos sujeitos surdos ainda não atende a todas as demandas necessárias para esses alunos serem alfabetizados e letrados em escolas regulares. A consequência disso é que a maioria das escolas tem alunos surdos em escolas regulares, mas, como foi constatado na pesquisa, a escola ainda não conseguiu adaptar-se para receber esses alunos. A formação de professores e a falta de intérprete em Libras são as principais dificuldades a serem solucionadas para melhor atender às necessidades de aprendizagem dos surdos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao apoio da Universidade do Estado de Mato Grosso na realização de minhas atividades como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, no período de 2018 a 2020.

REFERÊNCIAS

ALVEZ, Carla Barbosa; FERREIRA, Josimário de Paula; DAMÁZIO, Mirlene Macedo. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar**: abordagem bilíngue na escolarização de pessoas com deficiência. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, MEC, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

WATHIER, Jean Alexandre; FREITAS, Ana Paula de. **Alfabetização e letramento do sujeito surdo**: uso dos instrumentos específicos. Disponível em: https://www.usf.edu.br/ic_2016/pdf/pos/educacao/ALFABETIZACAO-E-LETRAMENTO-DO-SUJEITO-SURDO-USO-DOS-INSTRUMENTOS-ESPECIFICOS.pdf. Acesso em: 8 dez. 2021.

LACERDA, C.B.F. A prática pedagógica mediada (também) pela língua de sinais: trabalhando com sujeitos surdos. **Caderno Cedes**, v. 20, n. 50, p. 70-83, 2000.

OLIVEIRA, Liliane Assunção. **Fundamentos históricos, biológicos e legais da surdez**. Curitiba: IESDE Brasil, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília: MEC, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducacional.pdf>. Acesso em: 31 maio 2022.